GT SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES - LITERATURA - RESULTADOS DE PESQUISA

A PLURIDIMENSIONALIDADE DO TEXTO, O DISCURSO LITERÁRIO E SUAS SUBJETIVIDADES: UM ESTUDO EM CONTOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor(a): *JOSÉ FLÁVIO DA PAZ*[1]

Instituição: *UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT*
Orientador(a): *AROLDO JOSÉ ABREU PINTO.*[2]
jfp1971@gmail.com[1]
aroldoabreu@uol.com.br[2]

RESUMO: O presente trabalho de cunho bibliográfico tem como objetivo revisitar o conceito de texto, sua estrutura, o gênero discursivo e a sua literariedade a partir dos contos de língua portuguesa, dos escritores Conceição Evaristo (2014), Mia Couto (2013) e Rosario Ngunza (2007): Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos, "Os olhos dos mortos", e Na Noite do tic-tac, respectivamente. E ainda, reconhecer que o texto depende, ao passo que se constrói, do cotexto, contexto, diálogos - entre e pelas diversas vozes, que se encontram no seu interior, caracterizando a necessidade subjetiva de criar e recriar sentidos e significados, frente as vivências e interações sociais dos leitores. Para que tais objetivos sejam alcançados, fundamentar-nos-emos nas concepções teóricas de pensadores como: Bakhtin (1998, 2003 e 2008), Beaugrande e Dressler (1998), Dijk (2012), Eco (1971), Genette, (1979), Rojo (2005) entre outros oriundos da linguística textual e dos estudos do texto literário. O conceito de texto vem ao longo dos tempos, sendo sistematizado por teóricos das áreas literárias, linguísticas e semânticas, embora não dependa de fatores como o suporte, seja ele de natureza oral ou escrito, ou mesmo a sua extensão. Logo, podemos considerar que um texto é um objeto pluridimensional, que pode ser por isso mesmo, um instrumento de estudo de diversas disciplinas, cada uma focando uma perspectiva diferente. Sob esta perspectiva, sendo o texto objeto dotado de unidade semântica, pragmática e linguística é complicado descrever e explicar a sua estrutura, sem esquecer que esta organização interna, depende de fatores externos, precisamos considerar, em especial, os aspectos que dizem respeito ao gênero discursivo em que este se insere, o qual, por sua vez, depende da formação sociodiscursiva no âmbito da qual o texto é produzido e que faz com que ele seja classificado em seus diversos tipos textuais como literário, jornalístico, publicitário, religioso, filosófico, jurídico, acadêmico e outros.

Palavras-chave: Letramento literário. Estética da recepção. Discurso literário. Texto. Subjetividade

Introdução

Para que não nos percamos no relativismo das perspectivas e das designações, pois não é fácil conviver com as oscilações terminológicas e conceituais, ora existentes, podemos afirmar sua inevitabilidade, sobretudo quando ainda se debatem questões epistemológicas e metodológicas, para a definição do conceito de texto, consideremos três fatores como seguem:

A ***perspectiva semântica***, cujo texto é uma unidade de sentido, sendo concebido pelo locutor e interpretado pelo alocutário em uma ação direta e acertada; A ***perspectiva pragmática***, um texto concretiza um (macro-)ato de discurso: o locutor realiza uma ação na e pela linguagem. A ***perspectiva linguística***, onde se destacam as relações de coesão e coerência dos discursos expressados pelo locutor e alocutário, em suas mais diversas textualidades e contextos. Entenda-se, nesta posição, que nos fundamentos de Teun A. Van Dijk (2012), as macroestruturas textuais, ou seja, a representação semântica global de um texto deve conter, essencialmente, a informação temática fundamental – a qual se expande quantitativamente a partir de uma célula linguística elementar, através de categorias lógico-semânticas e pragmáticas – e garantem a articulação organizada e sequencial das microestruturas - as frases, que constituem o texto.

As macroestruturas dependem da tipologia dos textos e correspondem aos pontos fulcrais que o compõem, permitindo ao leitor/ouvinte organizar a informação recepcionada e reduzi-la, facilitando a sua memorização.

Em oposição a este pensamento, Sándor Petöfi (2011) na sua “teoria da estrutura do texto e da estrutura do mundo”, apresenta uma ideia semiótica dos textos verbais. Esta diz respeito à relação entre a estrutura de um texto e a interpretação do mundo, implicando elementos cotextuais, ou seja, aqueles que restringem à descrição das propriedades internas do texto; e, contextuais, os atinentes às condições externas que condicionam a produção e recepção de um texto; condições pragmáticas que regulam a adequação do texto ao contexto.

Nesse sentido, existem segmentos textuais precedentes e subsequentes a um dado enunciado. De acordo com a gramática de texto, o contexto gera a situação de enunciação. Posteriormente, o conceito de contexto passou a ser representado pelo espaço comum no qual os sujeitos constroem na própria interação.

Desse modo, há uma continuidade entre cognição e cultura, pois a cultura é apreendida socialmente, mas armazenada individualmente. Logo, o sujeito falante demonstra uma

competência comunicativa, na medida em que adéqua o seu discurso a diferentes situações e reconhece o grau de aceitabilidade do mesmo, nas várias ocorrências de comunicação. Nessa perspectiva, Rojo (2005),

> (…) toda prática de linguagem se dá numa situação (de comunicação, de enunciação, de produção ou circulação) que é própria de uma determinada esfera social, em um dado tempo e espaço históricos. Esta esfera neste tempo/espaço admite determinados participantes (com relações específicas), temas e modalidades de linguagem e de mídia, e não outros.
> Estes participantes articulam seus enunciados em gêneros específicos dessa esfera e as propriedades composicionais e estilísticas desses enunciados em gêneros (forma composicional, formas linguísticas) serão dependentes das relações entre estes participantes. Em especial, das apreciações de valor que estes façam sobe o tema e sobre seus interlocutores. (ROJO, 2005, p. 16-17).

A compreensão do conceito de cronótopo em Mikhail M. Bakhtin (1998, 2003, 2008) é a garantia de um ingresso positivo no universo da análise do gênero textual, uma vez que este tema é o centro da organização dos acontecimentos espacio-temporais, embora cada texto localize-se em um determinado tempo-espaço, especifico da ação narrativa principal do conto.

> A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um todo em formação, como acontecimento, é a capacidade de ler os indícios do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2003, p. 225)

Por seu lado, uma unidade linguística, ou seja, a frase, só se torna unidade do discurso ou enunciado quando os enunciados se ligam a outros enunciados, formando redes de sentido.

Bakhtin (2008) chegará às mesmas conclusões quando considera que a frase composta de poucas palavras, a cargo de exatamente no mesmo sentido, mantidos em sua unidade sintática e semântica, uma sentença não é a mesma declaração, se for articulada por alguém durante uma conversa ou impresso em um romance; se ele foi escrito um dia, séculos atrás, e se ela reaparece agora em uma formulação oral. Informação e declaração do seu estatuto material de contato estão entre suas características intrínsecas.

A partir dessas premissas podemos entender alguns motivos que levaram Conceição Evaristo(2014), Mia Couto(2013) e Rosario Ngunza(2007) a escolher os títulos de seus contos: “Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, "Os olhos dos mortos", e “Na Noite do tic-tac”, respectivamente.

Considerando o título "Os olhos dos mortos", de Mia Couto, não há registros sobre os motivos que levam os vivos a fecharem os olhos dos mortos, salvo expressões religiosas e, mais especialmente, sob a ótica do catolicismo, acompanhando a tradição judaica, a pessoa quando morre encontra-se com o Criador, nesta perspectiva, seria indecoroso ou mesmo falta de respeito contemplar a presença divina ao mesmo tempo em que se observam as coisas mundanas. Logo, fechavam-se os olhos do morto para o mundo físico, para que ele os abrisse para a paz do mundo espiritual.

Em Gênesis 46:4, são os filhos quem praticam este ato, em lembrança das palavras confortantes de Deus ao patriarca Jacob: “(...) e José porá a sua mão sobre os teus olhos.”. (ALMEIDA. 2001)

Igualmente, há registro desta prática em 4:13-15; Marcos 5:39 e João 11:11- 14, cuja crença é de que os mortos dormem esperando o dia da ressurreição. Nestes versos, os mortos são citados como aqueles "que dormem". Logo, podemos compreender o ato de fechar os olhos dos mortos como um simbolismo do descanso eterno, considerando que as pessoas quando dormem, fecham seus olhos.

Também podemos ter outro entendimento, o ato de fechar seria uma questão de respeito, para não chocar as pessoas que se aproximam ou venham a visitar o morto em seu velório.

Para Jean Maurice Eugène Clément Cocteau (1979), poeta, romancista, cineasta, designer, dramaturgo, ator de teatro francês, a vida não cessa e a morte é um jogo escuro de ilusões. Fechar os olhos do corpo do morto não decide os nossos destinos. É preciso navegar no próprio drama ou na própria comédia.... Uma existência é um ato, um corpo, uma veste, um século, um dia. E a morte é um sopro renovador. Mas ele afirma não sofrer com a ideia da eternidade, pois viver ou morrer é sempre tempo de recomeçar. (...) "Nós fechamos os olhos dos mortos com doçura, é também com doçura que devemos abrir os olhos dos vivos". (COCTEAU, 1979).

No conto “Na noite do tic-tac”, de Rosario Ngunza, os acontecimentos diegéticos são enunciados cronologicamente e as vozes do narrador e da personagem sobrepõem-se mudando a focalização e apresentando-nos, simultaneamente, os pontos de vista de um narrador fora da história, ou seja, um narrador heterodiegético e, de outro ponto de vista da protagonista.

> Noite isolada, o badalar do relógio, tic-tac-tic-tac, era o único som que soava, era 1h30, o medo estava estampado nas paredes das casas, dos carros, nos sonos das pessoas, em todo lugar, o medo trazia sua

> ira forte, soprando em todas as direções, ouvia-se o som de passos rápidos na rua, as janelas estavam cerradas. (...) Tic-tac-tic-tac, maldito, não fazes nada? São 1h35! (...) são 1h37, a almofada tapa os gritos de dor que vinham lá da rua, (...) Tic-tac, são 1h40, as pessoas vão saindo calmamente nas janelas, por trás das cortinas, (...) Tic-tac, alguém remove um cadáver, uma vida que a noite levou, a vergonha do ser humano domina os olhares. Ninguém falou, apenas o silêncio e a noite, tic-tac, alguém parou o relógio. Eram 2h da madrugada, uma alma subia para o céu, porque os homens tiveram medo! (NGUNZA, 2007. p. 197)

Não se deseja resgatar essa história, mas o conto “A noite do tic-tac” introduz a noção de que o tempo pode não somente escravizar, mas libertar as pessoas para tornar seus instantes mais produtivos, existenciais e prazerosos. É preciso, no entanto, vencer o medo para conseguir liberdade.

A Linguística Textual como um novo ramo da Linguística começou a desenvolver-se, na Europa, nos anos 60. Naquele momento, os linguistas chegaram à conclusão que a linguística da frase não era adequada e/ou suficiente no estudo de fenômenos linguísticos mais abrangentes do que os da frase, tais como os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados e na sequência dos mesmos. Deparava-se com a necessidade de uma linguística que se ocupasse dos mecanismos de organização textual responsáveis pela construção do sentido.

Nos anos 70, o texto passou a ser estudado/analisado em dois aspectos: sintático-semânticos, responsáveis pela produção do sentido; e, como objeto cultural.

Desse modo, a Linguística Textual propõe-se a estudar as frases e organizá-las num texto significativo, considerando as condições de produção do texto, os aspectos sociais, históricos e culturais, os processos sintático-semânticos que se estabelecem e as estruturas linguísticas que constituem um texto. Logo, para a Linguística Textual não interessa estudar somente a palavra ou a frase, mas a frase como unidade específica de manifestação da linguagem e de situação de comunicação.

A constituição formal de um texto obedece a regras específicas, caracterizando-o em um ato de comunicação unificado, organizado no nível da coesão, dando-lhe tratamento estritamente linguístico e da coerência quanto referente ao sentido e às intenções no âmbito da semântica e das funções pragmáticas.

A noção de que um texto constitui-se em unidade de comunicação, seja escrita ou oral, feita do entrelaçamento das unidades linguísticas que o constituem de caráter eminentemente semântico, pois é preciso (re)afirmar continuadamente sua epistemologia "*textum*", cujo significado é entrelaçamento de fios, rede de relações de sentido.

Daí porque, com propriedade, podemos afirmar que os textos são objetos dotados de sentido e de unidade. Todavia, pode-se inferir a necessidade da sua coesão ou conectividade sequencial, através do recurso a um conjunto mais ou menos vasto de mecanismos relacionais de natureza linguística, seja ao nível frásico, entre frases, entre períodos ou entre parágrafos, qualquer que seja a extensão textual.

A Coesão e a coerência aparecem como propriedades centradas no próprio texto. Ligam-se à conectividade, sendo que a coesão é designada também por conectividade sequencial e a coerência conectividade conceptual. (Mateus, 2003. p 89). Só desta maneira se entenderá que a definição de textos feita pela mesma seja de “produtos coesos internamente e coerentes com o mundo relativamente ao qual devem ser interpretados” (p 87).

Concernente a Conectividade no nível sequencial e conceptual, pode-se afirmar que a coesão textual é o primeiro dos parâmetros ou mecanismos a serem respeitados para que um aglomerado de frases possa constituir um texto e ser aceito como tal. Consiste desse modo, na capacidade combinatória das palavras, que ouvimos e/ou lemos, em formar uma sequência interligada. Os diferentes componentes vão estabelecer relações de dependência, de acordo com as regras e convenções gramaticais.

A Coesão procura ainda dar resposta às questões relacionadas com as ambiguidades textuais, assegurando ou recuperando relações linguísticas que ocorrem à superfície do texto. Este processo se sustenta em diferentes mecanismos de coesão textual, a saber: o nível gramatical – frásico, interfrásico, temporal, estrutural e referencial; por um lado e, por outro, no nível da coesão lexical, ou seja, reiteração e substituição – sinonímia/antonímia, hiperonímia/hiponímia e holonímia/meronímia.

A Conectividade conceptual ou Coerência textual diz respeito ao modo no qual os componentes do mundo textual se apresentam, ou seja, os conceitos, os quais são oriundos da configuração de conhecimento cognitivo e as relações realizadas pelas ligações e interligações entre conceitos que aparecem em conjunto no mundo textual, relacionado com o nosso próprio conhecimento do mundo que estes estabelecem, as quais devem ser acessíveis e relevantes. Se o forem, a coerência textual é alcançada.

A Coerência infere diretamente sobre as relações de causalidade, segundo Beaugrande e Dressler (1998), em que uma ocorrência afeta as condições de outra. Causalidade deve ser entendida num sentido mais lato de causa, habilitação e razão, ainda conforme estes autores. Este princípio será conjugado com a ordenação temporal onde o acontecimento anterior, em termos temporais, condiciona o segundo, em relação ao tempo da enunciação. Logicamente que, em ocorrências diferentes, a relação temporal ocorrerá também com funcionalidades

próprias, afinal, Coerência não é um mero recurso de textos, o objetivo injustificado do resultado de processos cognitivos entre os usuários de texto. (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1976).

Segundo Halliday e Hasan (1976), o texto é uma unidade semântica que se realiza sob a forma de frases, resultando daí uma coesão entre as frases que formam esse corpus textual. Assim, para que um aglomerado de frases categorizadas como um conjunto de elementos sintagmáticos e oracionais tenha uma relação significativa entre si e se possa designar de texto, é necessário respeitar-se um conjunto de regras/mecanismos de coesão textual, ou seja, a interdependência semântica das ocorrências textuais resulta de processos linguísticos de sequencialização, de ordenação linear dos elementos linguísticos.

Esses mecanismos de coesão podem ser ao nível lexical, quando se opera uma ligação de co-presença de traços semânticos idênticos ou opostos entre as expressões linguísticas, sejam em processo de reiteração ou substituição: sinonímia; antonímia; hiperonímia/hiponímia e holonímia/meronímia, ou mesmo, ao nível gramatical, quando se assegura uma coesão frásica, interfrásica, temporal, referencial ou um paralelismo estrutural. (DUARTE, 2011)

A conectividade conceptual, que envolve a condição cognitiva dos falantes para assegurar que um determinado texto é coerente se respeitar a estrutura das situações descritas; as relações lógicas entre situações; e, as propriedades características dos objetos de um mundo “normal” (id: 115). Por conseguinte, um texto apresenta coerência quando se supõe um reflexo normativo da realidade, isto é, em que os estados, processos, eventos, relações lógicas entre estados de coisas e propriedades características dos objetos estão em plena conformidade com aquilo que o falante conhece do real.

Neste sentido, as condições cognitivas expressam uma ordem linear que respeita a ordem temporal das situações, por exemplo, na seguinte frase do conto “Os Olhos dos Mortos” do escritor moçambicano Mia Couto (2013): “Meu homem chegava do bar, mais sequioso do que quando fora. Cumpria o fel de seu querer: me vergastava com socos e chutes. No final, quem chorava era ele para que eu sentisse pena de suas mágoas.”; reconhece uma relação de causa/razão/condição/consequência entre as situações que expõe, conforme podemos constatar no exemplo do conto “Na Noite do tic-tac”, do escritor angolano Rosário Ngunza(2007): “Ela lutava contra ele, lutava, lutava e estava cansada, já não podia mais, perdia as forças.”; respeita uma relação lógica entre a percepção e a atenção dos indivíduos e propriedades, como exposto no conto “Zaita Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, escritora brasileira Conceição Evaristo (2014): por exemplo: “Zaita virou a caixa e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias,

caixas de palitos de fósforo usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedos algum.”; e pode, também, determinar uma ordenação linear, que não respeite isomorficamente a ordenação temporal ou lógica das situações apresentadas, consoante a escolha/seleção informativa de um texto, pois isto irá depende da relevância dada às informações apuradas.

No entanto, é preciso focar em um aspecto que se apresenta igualmente importante na definição de coerência textual e que se prende com a tipologia textual. Pode-se afirmar que o falante somente aceita um texto como um todo, pleno de sentido, se este manifestar uma realidade possível, dita normal. Mas se tiver um texto com incoerência ao nível estético, como, por exemplo, nas fábulas?

Nesta conjuntura pode-se atribuir apenas aos textos ficcionais a aceitabilidade de uma incoerência entre o mundo criado no texto e os conhecimentos cognitivos que os falantes possuem do mundo real. Por exemplo, Os Lusíadas é um texto, pois obedece aos parâmetros da textualidade, embora inclua episódios mitológicos e entidades fantásticas, que se reconhecem como inexistentes/incoerentes com o conhecimento que se possui do mundo.

O problema da (in)coerência no texto de ficção deve ser equacionado em termos um pouco diferentes. Ou seja, para este efeito, o universo ficcionado é tão válido quanto o universo da quotidiana realidade ou, por outras palavras, são dois universos de referência diferentes, que o alocutário/leitor/ouvinte aceita, à partida, como diferentes. Esta questão está diretamente ligada ao parâmetro da aceitabilidade. Isto é, o leitor de um texto literário sabe que ao adentrar o universo ficcional aceita ou tolera tudo aquilo que pode ser considerado como desvio. Consoante o contexto em que o texto é produzido, circula e é reconhecido, a posição e o poder simbólico, a relação entre eles, o assunto do texto e o tipo de texto, são tolerados em maior ou menor grau desvios, rupturas, reformulações, imprecisões.

A informatividade não depende da dimensão do texto, mas da originalidade e da disposição da informação neste. Salientamos, portanto, o texto enquanto “força ilocutória global e com uma função comunicativa perfeitamente identificável” (Lopes 1984. p. 99) tem levado alguns investigadores a "transformar" a linguística textual numa teoria pragmática de texto. Em síntese, o fato de um texto ser utilitário ou ficcional condiciona a noção que se possui da coerência textual, uma vez que se tiver um texto não utilitário tende-se a reconhecer-lhe coerência e a reconhecê-lo como uma unidade semântica, ainda que apresente uma situação não convencional ao modelo de texto referencial. O texto literário modeliza a realidade e cria um mundo possível ficcional (ECO, 1971) que altera as noções pragmáticas de coesão e coerência.

Assim, Coerência e Coesão constituem noções centrais de Textualidade que, em conjunto com os fatores ou parâmetros acima enunciados, formam os padrões da textualidade que englobam elementos cognitivos, de planejamento de enunciação e de contextualização na definição do que é ou não um texto.

Regressando à intenção de averiguar os mecanismos de conectividade tendentes à produção da coesão textual, não é de menor importância os que se prendem com a ordenação temporal das situações atinentes à realidade apresentada. Logo, para além de advérbios e de locuções preposicionais com valor temporal, a localizarem cronologicamente determinado evento ou situação, é importante considera o uso dos diferentes tempos verbais nesse jogo de anterioridade, simultaneidade e posterioridade que entre eles ou a partir deles, se estabelece complementado ou não por expressões de reforço desses sentidos.

Aliás, é neste ponto temático que a coesão temporal mais falha, tratando-se, sobretudo, de produções escritas – mais evidente neste registro, porque o leitor, não confrontado com a emergência da descodificação imediata, como acontece no uso oral, mais facilmente a detecta.

Para Adam (2011) a análise do discurso faz referência aos laços sociais e às línguas, enquanto que para a linguística textual o que importa é o texto, pois este último centra a sua atenção no processo comunicativo estabelecido entre o autor, leitor e o texto num determinado contexto.

A competência linguística combina-se com a competência textual para possibilitar operações simples ou complexas da escrita literária ou não literária: um resumo, uma paráfrase, uma dissertação a partir de um tema dado, um comentário a um texto literário e muitos outros.

A existência de dois conceitos aparentemente ligados, mas que sempre se separarão em função da perspectiva da análise escolhida conduz ao pensamento de que ao analisar o texto enquanto produção não se pode deixar alheio de tudo o que envolve a produção desse mesmo texto e o contexto em que ele é emitido. Passa-se assim a ter um contexto verbal e um contexto situacional. Ainda em relação aos textos assistimos a uma diferença entre o conceito de texto e o de obra literária no que diz respeito à tentativa de ultrapassar o conceito de signo.

O texto é, pois, o objeto privilegiado da Linguística Textual – entendido como entidade dotada de coesão interna e de coerência de sentido entre os elementos textuais e entre estes e o comum conhecimento do mundo diz respeito, seja ele no domínio da realidade ou no da ficção.

Considerações finais

Nesta linha sequencial, é compreensível considerar microestruturas, aquelas que geram a sequencialidade frásica, e macroestruturas textuais, as que correspondem à diegese global dos textos, respeitando o mecanismo de articulação de cada tipologia textual. Estas últimas são preponderantes na compreensão e sistematização textual, pois permitem que os falantes produzam textos coesos e/ou congruentes, com sentido, respeitantes dos processos cognitivos e dos códigos simbólicos numa situação concreta.

Referências

ADAM, Jean-Michel, **A linguísticatextual:**uma introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, João Ferreira de Almeida. **A bíblia sagrada**. L.L.C. Publicações eletrônicas. Disponível em: www.camaramarilandia.es.gov.br/Arquivo/Documents/PAG/bibliasagrada.pdf. Acesso em 21 set/2018.

BARKHTIN, Mikhail M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. de Yara Fratschi vieira. 6ª ed., São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões literárias e de estética**: a teoria do romance. Trad. do russo por José P. Júnior, Augusto G.Júnior et al. 4ª ed., São Paulo: Ed. Unesp/Hucitec, 1998.

BEAUGRANDE, Robert de, & DRESLLER, Wolfgang, **Introduction to text linguistics**, cap. 1 (“Basic notions”), Disponível em http://www.beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm# Acesso em 31 agos.2018.

COUTO, Mia. **Conferencia com o escritor moçambicano Mia Couto, realizada dia 5 de setembro de 2013 no Auditório Samira Mesquita na Escola de Belas Artes da UFRJ**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uXn6dedbU8U. Acesso em: 3 out.2018.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. – São Paulo: Editora Contexto, 2012.

DUARTE, Ivolethe; GOLDENSTEIN, Eduardo. **O mundo de hoje se inventa por via de alguma falsidade**. 2011. Disponível em:

http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=534. Entrevista concedida a Revista Ser Médico. Acesso em: 21 ago. 2018.

ECO, Humberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

EVARISTO, Conceição. **Zaita esqueceu de guardar os brinquedos**. In.: Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014, p. 71 –76.

GENETTE, Gérard. **A narrativa e o seu discurso**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Ed. Arcádia, 1979.

LOPES, Ana Cristina Macário (1984), **Linguística textual: objectivos e pressupostos teóricos**. Lisboa: Biblos vol. LX, pp. 90-102, 1984.

NGUNZA, Rosário. **Na noite do tic-tac**. In.: Cadernos Negros. Contos afro-brasileiros. Orgs. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. – vol. 30. –São Paulo: Quilombhoje, 2007, p. 195 -197.

PETÖFI, Sánder. **Hungarrian poet**. In: Britannica OnLine Encyclopedia. Disponível em www.britannica.com. Acesso em 23 jun.2011.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas. In: Gêneros textuais sob perspectivas diversas. Florianópolis, SC: UFSC/GT de LA da ANPOLL, 2005.